

---

STRYKER, Rachael. *The road to Evergreen: adoption, attachment therapy, and the promise of family*. Ithaca: Cornell University Press, 2010. 192 p.

*Sonja van Wichelen*

*University of Western Sydney – Austrália*

Foram publicados muitos livros sobre o tema da adoção durante a última década. Muitas vezes focados no processo adotivo, se referem a questões de identidade, raça e a produção de parentesco. O livro de Rachael Stryker, *The road to Evergreen*, entretanto, é uma exceção bem-vinda a essa lista. Ao invés de focar o processo adotivo *per se*, a autora dirigiu sua pesquisa antropológica para o assim chamado processo de pós-colocação. De forma original, ela examina – através da etnografia de uma clínica no Colorado (EUA) – o funcionamento de uma terapia controvertida de apego para famílias com crianças adotadas. Por que os pais escolhem terapias altamente contestadas? Quem são os sujeitos envolvidos? Como funciona a terapia? Quais as implicações da terapia para a noção de família?

Stryker enfoca o “modelo Evergreen” da terapia do apego. Inaugurada nos anos 1970 pelo psiquiatra Foster Cline, a terapia inclui técnicas confrontacionais, encorajando a criança a compartilhar seus sentimentos verbalmente ao segurá-la num abraço apertado e obrigá-la a olhar nos olhos do cuidador (a criança pode ser atada se houver risco de se tornar violenta). A psiquiatra Martha Welch refinou esse método para a redução de raiva e desenvolveu sua “terapia do aperto” (*holding therapy*), também conhecida como a Terapia da Compressão, O Vínculo Direto Sincrônico, e o Abraço Prolongado entre Pais e Filhos.<sup>1</sup>

A participação dos pais é central à terapia de Welch: não são os terapeutas e, sim, os pais que realizam a sessão do aperto enquanto os terapeutas supervisionam o processo. As sessões de terapia na clínica fazem parte, em

---

<sup>1</sup> Em inglês: Compression Therapy, Direct Synchronous Bonding (DSB) e Prolonged Parent Child Embrace (PPCE) (N. de T.).

geral, da estadia no lar terapêutico onde a criança recebe cuidados terapêuticos constantes e onde os pais observam novas técnicas parentais. Aqui, as crianças aprendem a moderar seu comportamento de forma que possam “elaborar seus pensamentos, fazer escolhas apropriadas, aceitar responsabilidade por suas ações, e desenvolver uma ‘voz interna’(consciência)” (p. 23).

O modelo Evergreen de terapia do apego é controvertido por causa de diversos casos muito comentados pela mídia em que crianças foram mortas durante ou logo depois de seu tratamento (conforme o método) por uma síndrome conhecida como “desordem reativa de apego”, ou *reactive attachment disorder* (RAD). Muitos pesquisadores criticam o tratamento por ser um tipo de pseudociência ou, pior, abuso infantil. Não é, entretanto, a intenção de Stryker debater se o modelo Evergreen é “bom” ou “ruim”. Ao invés, tal como explica no primeiro capítulo, seu objetivo é examinar – através da análise etnográfica do modelo Evergreen – os “termos e os envoltimentos profundamente codificados que são associados com a reprodução social do amor pelas crianças na América” (p. 25). Ela visa demonstrar até onde irão os pais para “fazer e preservar a família americana” (p. 25). Dessa maneira, nos leva para uma compreensão mais sutil da institucionalização da noção de família.

Nos próximos cinco capítulos, a autora descreve seu trabalho empírico com as variadas etapas do processo: a maneira como as pessoas formam suas ideias sobre família e decidem adotar uma criança (cap. 2); a maneira em que as agências de adoção constroem normas para “famílias felizes” (cap. 3); as realidades pós-colocação (cap. 4); a terapia de confrontação na clínica (cap. 5); e o funcionamento do lar terapêutico (cap. 6). Enquanto os primeiros dois capítulos consideram o modo com que os pais e as agências de adoção constroem noções idealizadas de família e amor pelas crianças, os capítulos subsequentes incluem histórias comoventes de como crianças – por causa de suas histórias de abuso (sexual, entre outros) e dos efeitos da institucionalização prolongada – funcionam mal nas suas novas famílias. Transgridem normas higiênicas, urinando ou defecando em qualquer lugar da casa; têm comportamentos sexuais inadequados com seus irmãos; algumas delas se tornam violentas, ameaçando as pessoas circundantes. Para muitos pais que já esgotaram todos seus recursos para ajudar seus filhos (incluindo as várias formas de terapia da fala e da brincadeira), a terapia Evergreen de apego chega como uma última aposta. Muitas vezes, ficam eufóricas quando descobrem (por outras pessoas ou pela internet) as teorias sobre RAD. Tal como Stryker

diz, “o diagnóstico de RAD fornece uma oportunidade atraente para que [os pais] reformulem o comportamento negativo de seus filhos, o definindo em termos de patologia e, assim, legitimando suas próprias práticas parentais e expectativas iniciais quanto à família, e ao mesmo tempo localiza a origem do problema dentro da criança” (p. 100). Não é portanto surpreendente que os pais abracem o discurso médico. É muitas vezes sua única chance para preservar ou fixar sua ideia de família.

Os capítulos 5 e 6 descrevem em detalhe os vários componentes da terapia Evergreen. Stryker evoca o processo inteiro ao focalizar uma família, os Korhonens, um casal – Betty e Marvin – que foi procurar tratamento para seu filho, Luke, com 15 anos de idade. O programa Evergreen consiste de um estágio intensivo de duas semanas durante as quais as famílias são submetidas ao regime da clínica. O relato de eventos é por vezes violento. Além de implementar regras rígidas e técnicas disciplinares de castigo para maus comportamentos, as primeiras sessões eram desenhadas para desequilibrar Luke e para avaliar suas emoções “genuínas” pela aplicação da “terapia do aperto”. Sentado no colo do terapeuta e obrigado a manter contato ocular, Luke é chamado a responder perguntas muito pessoais rapidamente e sem hesitação. Luke não tem ideia de quanto tempo estará nessa situação, nem se dá conta de que seus pais o observam através de uma janela espelhada. Em sessões subsequentes, os terapeutas e pais confrontam as emoções de Luke através de *role playing*. Imitando o passado, eles supõem levá-lo a reviver seus traumas infantis, na esperança que ele rejeite sua mãe de nascimento e abrace seus pais adotivos. Todos, mas especialmente Luke, estão emocionalmente esgotados depois das sessões. A alternância entre sentimentos de raiva, medo, ansiedade e tristeza é suposta criar vínculos poderosos entre os membros da família. Nas semanas seguintes, a família continua a terapia na clínica e na casa terapêutica. Betty e Marvin também fazem uma terapia de casal. No final das duas semanas intensivas, conforme as consequências da terapia do aperto e todas as observações na casa, os terapeutas do apego estabelecem um plano para o tratamento a longo prazo e a família está pronta para ir para casa. Se bem que não seja exatamente da maneira como os Korhonens imaginavam, vão continuar uma família.

O caso dos Korhonens é considerado um sucesso. É o caso de apenas a metade das famílias que procuram tratamento. No caso das menos exitosas, as crianças são reinstitucionalizadas para um tratamento a longo prazo

na clínica, ou são colocadas em escolas militares, internatos ou residências coletivas. Porém, os terapeutas sugerem que mesmo essas circunstâncias não excluem a ideia de uma “família para sempre”. Crianças exiladas serão “amadas a distância” (p. 160). Conforme Stryker, essa reformulação do fracasso da terapia “fornece uma oportunidade ímpar para os pais da clínica transformarem a família de um coletivo físico em um coletivo metafórico sem detrimento à categoria social” (p. 160). Mas tal perspectiva situa a criança como responsável tanto do sucesso com do fracasso da terapia. Neste último caso, “tornar a criança responsável pelo fracasso da terapia serve para ressignificar o resultado da terapia, tornando uma experiência ambígua em algo produtivo” (p. 160). O capítulo final reflete sobre a reprodução social do apego e sugere considerações acadêmicas para pesquisa futura.

*The road to Evergreen* é um livro fascinante, escrito numa prosa acessível – que evita o jargão típico de boa parte da produção acadêmica. Presta-se a uma leitura por acadêmicos e profissionais do campo de adoção, assim como por membros da tríade adotiva – pais adotivos, pais de nascimento e adotados. A escrita lúcida de Stryker não dispensa o vigor analítico. Empiricamente e analiticamente ela realiza seu objetivo – a demonstração de como a terapia do apego resgata a ideia de família. Apesar de sentir certa frustração pela falta de uma crítica contundente à terapia, admirei o esforço da autora para manter a proximidade etnográfica, indispensável para uma compreensão nuançada da popularidade desse tratamento. Fiquei também curiosa em aprender mais sobre os sujeitos desse livro – as crianças – como viveram a experiência e como atribuíram significado às terapias às quais foram submetidas. Mas esse é um outro assunto que mereceria ainda outro volume dessa pesquisa.

Traduzido do inglês por Claudia Fonseca.